

O segredo das larvas: a espacialização do poder em um mundo distópico

O segredo das larvas: The Spatialization of Power in a Dystopian World

Katia Bezerra

University of Arizona | Tucson | AZ | USA

kbezerra@arizona.edu

<https://orcid.org/0000-0002-1623-3648>

Resumo: Publicado em 2024, o romance *O segredo das larvas*, de Stefano Volp, narra a trajetória de Freya, uma jovem de 17 anos confinada em Absinto, colônia formada por pessoas da “cor da noite”. Ambientada no Brasil do ano 241 após o Breu – período de racionamento da energia elétrica e o subsequente colapso da chamada civilização moderna –, a obra insere-se na distopia crítica, provocando reflexões sobre estruturas de poder e dominação na sociedade contemporânea. Este ensaio analisa a configuração espacial no romance, destacando seu duplo papel: como estruturante das desigualdades socioeconômicas e como catalisador de estratégias de sobrevivência e de resistência. O espaço não é mero cenário, mas elemento articulador da produção de subjetividades, das relações de poder e das práticas de exclusão e de resistência. Além disso, o estudo aborda o protagonismo feminino e as questões raciais, evidenciando seu papel central nas dinâmicas de controle e nas formas de resistência desse universo distópico.

Palavras-chave: distopia crítica; personagens femininas; raça; espaço urbano.

Abstract: Published in 2024, Stefano Volp’s novel *The Secret of the Larvae* follows Freya, a 17-year-old girl confined in Absinthe, a colony composed of people of the “color of night.” Set in Brazil in the year 241 after the Darkening – a period marked by electricity rationing and the collapse of the so called modern civilization – the work belongs to the realm of critical dystopia, provoking reflections on power structures and domination in contemporary society. This essay analyzes the spatial configuration in the novel, highlighting its dual role: as



a structuring agent of socioeconomic inequalities and as a catalyst for survival and resistance strategies. Space is not merely a backdrop but an element that shapes subjectivities, power relations, and practices of exclusion and resistance. Additionally, the study addresses female protagonism and racial issues, emphasizing their central role in control dynamics and forms of resistance within this dystopian universe.

Keywords: critical dystopia; female characters; race; urban space.

Formado em jornalismo, Stefano Volp publicou *O segredo das larvas* de forma independente em 2019, obra que foi relançada em uma versão revisada e ampliada em 2022. Trata-se de um romance distópico ambientado em um Brasil no ano de 241 depois do Breu, período em que a energia elétrica passa a ser racionada, provocando o colapso daquilo que se entendia como civilização moderna. A narrativa acompanha as experiências e os processos de autorreflexão de Freya, uma jovem de 17 anos, que vive confinada em uma colônia (Absinto)¹ formada de pessoas da “cor da noite”.² Movida pelo desejo de vingar a mãe que, após ser levada para a metrópole como filtrada, retorna à colônia com transtornos mentais e a língua cortada, Freya protagoniza uma história de resistência em um cenário marcado por exclusão e violência.³

Nesse ensaio, eu vou me deter especificamente no papel do espaço na construção, na sustentação e na resistência ao mundo distópico retratado na obra. O espaço, nesse contexto, não é meramente um pano de fundo, mas desempenha um papel duplo: por um lado, atua como agente estruturante, produzindo e reafirmando as desigualdades sociais; por outro, configura-se como um elemento que viabiliza estratégias de sobrevivência e de resistência. Em outras palavras, no romance, o espaço funciona como um elemento intrinsecamente relacionado à produção de subjetividades, à organização das relações de poder e à constituição de formas de controle e de contestação. Da mesma forma, este estudo examina o protagonismo feminino e as questões raciais, mostrando como esses fatores desempenham um papel central tanto nas práticas de resistência quanto nas formas de dominação no universo distópico retratado no romance.

¹ Como se verá adiante, os nomes adquirem um papel significativo no romance, funcionando como marcadores simbólicos dentro da narrativa. Um exemplo é Absinto, a colônia onde Freya reside. O termo carrega múltiplas camadas de significado, podendo remeter para noções de sofrimento moral, amargura e tristeza. Esses significados, em diferentes níveis, parecem captar aspectos essenciais da experiência vivida pelos habitantes da colônia, que são submetidos a diferentes formas de exclusão e de violência.

² Segundo o romance, o nome da protagonista foi escolhido por sua tia Tinyanga, que o associa a uma figura de grande força simbólica: Freya é apresentada como “o nome de quem detém o poder da guerra e da morte. Bruxa da morte, deusa do amor” (Volp, 2024, p. 69). Ao escolher esse nome para a protagonista, a narrativa articula, de maneira intencional, forças aparentemente opostas—destruição/morte e amor—, sugerindo, desde o início, o potencial de resistência, transformação e agência de Freya dentro do contexto distópico em que está inserida.

³ Sua mãe foi uma das meninas escolhidas para participar do Programa de Filtragem, organizado pela metrópole. O programa visa selecionar as meninas mais bonitas e com o tom de pele mais claro para passarem o restante de suas vidas em Éden, desfrutando dos privilégios da metrópole. Sua mãe foi a única filtrada que conseguiu retornar para a colônia de origem.

1. Distopia e a configuração do território e de seus habitantes

No livro *Scraps of the Untainted Sky: Science Fiction, Utopia, Dystopia*, Tom Moylan propõe uma abordagem teórica na qual a utopia e a distopia não são vistas como categorias antagônicas, mas sim elementos integrantes de um mesmo contínuo conceitual (2000, p. 122–145). Tal contínuo abrange polaridades historicamente construídas – como a utopia, vinculada a projetos históricos de transformação, e a antiutopia, caracterizada por uma crítica generalizada à própria ideia utópica (Moylan, 2000, p. 195). Em um espaço intermediário entre esses dois pólos, depara-se com a presença de uma distopia crítica, cuja função não se limita à denúncia mas a um contínuo processo de reflexão sobre a sociedade contemporânea. Trata-se, portanto, de uma narrativa que, em sua essência, instiga o leitor “a reexaminar o que se entende pela palavra humano, e acima de tudo o que se entende por *liberdade*” (Atwood, 2005b, p. 95, grifo do autor, tradução nossa).⁴

Segundo Raffaella Baccolini e o próprio Moylan, a distopia crítica se caracteriza por uma narrativa que “começa diretamente no terrível novo mundo; e, ainda assim, mesmo sem um deslocamento para outro lugar, o elemento de estranhamento textual permanece em vigor, já que o foco está frequentemente em um personagem que questiona a sociedade distópica” (2003, p. 5, tradução nossa).⁵ Dito de outra maneira, é o olhar questionador de um personagem que abre fissuras na sociedade distópica e permite ao leitor perceber não apenas os mecanismos de dominação, mas também os espaços possíveis de resistência.

Ainda segundo Baccolini e Moylan, tais obras são estruturadas “em torno da construção de uma narrativa da ordem hegemônica e de uma contra-narrativa de resistência” (2003, p. 5, tradução nossa).⁶ Essa tensão narrativa entre hegemonia e resistência é fundamental, pois revela como os discursos oficiais de controle são constantemente desafiados por vozes e ações, mantendo vivo o potencial transformador. Tal potencial só se torna possível porque, como observa Margaret Atwood, o impulso utópico persiste na distopia crítica, manifestando-se em finais abertos ou ambíguos, nos quais a possibilidade de mudança, ainda que incerta, permanece como um horizonte. De modo semelhante, Baccolini adverte que, “ao rejeitar a tradicional subjugação do indivíduo no final do romance, a distopia crítica abre um espaço de contestação e oposição para aqueles grupos [...] para os quais a subjetividade ainda não foi alcançada” (2000, p. 18, tradução nossa).⁷ Assim, a distopia crítica não apenas evidencia as tensões e contradições estruturais da sociedade representada, mas também mantém vivo o potencial transformador, ao preservar a possibilidade – ainda que incerta ou bem remota - de mudança.

Contudo, embora Baccolini e Moylan argumentem que a contra-narrativa geralmente se desenvolve “à medida que o cidadão distópico passa de uma aparente satisfação para uma experiência de alienação e resistência,” eu sustento que, no caso de *O segredo das larvas*, a semente do inconformismo e de resistência da protagonista já se encontra presente desde o

⁴ “to reexamine what we understand by the word human, and above all what we intend by the word freedom”.

⁵ “begins directly in the terrible new world; and yet, even without a dislocating move to an elsewhere, the element of textual estrangement remains in effect since the focus is frequently on a character who questions the dystopian society”.

⁶ “around the construction of a narrative of the hegemonic order and a counter-narrative of resistance”.

⁷ “by rejecting the traditional subjugation of the individual at the end of the novel, the critical dystopia opens a space of contestation and opposition for those groups...for whom subjectivity has yet to be attained”.

início da narrativa (2003, p. 5, tradução nossa).⁸ Tanto é assim que, logo nas primeiras páginas do romance, quando tem o rosto dilacerado pela própria mãe para não ser escolhida como uma *filtrada*, Freya menciona a casa herdada dos avós:

Apesar da nossa casa ser uma das melhores da colônia ... tenho vontade de implodir e reconstruí-la com dinheiro limpo [...] Como não é possível, faço o que posso para que a casa sirva como algo que Édén não conseguiu calcular antes de entregá-la aos meus falecidos avós [...] transformando-a em abrigo para vizinhos nos dias mais frios e, vez por outra, algum tipo de esconderijo para as meninas mais novatas quando os estrangeiros reiniciam o ciclo de horror, como agora. (Volp, 2024, p. 10)

Como parte da política instaurada pela metrópole, as famílias cujas filhas eram selecionadas para se tornarem *filtradas* recebiam uma compensação em “dinheiro sujo” e mantimentos. No caso da mãe de Freya, foram os próprios pais que a entregaram aos “estrangeiros”, inaugurando assim o seu ciclo de horror enquanto *filtrada*. Esse gesto evidencia, de forma paradigmática, como o poder atravessa o espaço íntimo da família, convertendo vínculos afetivos em moeda de negociação e reduzindo o corpo feminino à condição de mercadoria.

Se, no plano doméstico, a existência humana é submetida à lógica da troca e do valor, revelando mecanismos de exploração e desumanização, a mesma lógica de dominação se projeta também sobre o espaço coletivo. O romance, sob essa óptica sentido, amplia sua crítica ao território da colônia, mostrando como sua organização territorial atua como um instrumento de controle e de dominação. Em *O segredo das larvas*, a perspectiva crítica, centrada na experiência de Freya, articula-se de maneira decisiva na contestação dessa estrutura, evidenciando que a configuração espacial não apenas reproduz desigualdades naturalizadas, mas também intensifica processos de segregação, inscrevendo no território fronteiras simbólicas e materiais que definem políticas de pertencimento e de exclusão.

Tal dinâmica justifica a maneira como, no romance, o espaço geográfico é estruturado por diferentes formas de segmentação, sendo uma das mais marcantes a nítida separação entre as colônias e a metrópole. A localização das colônias - separadas da metrópole por um vasto oceano - intensifica a noção do seu distanciamento tanto físico quanto simbólico em relação ao centro do poder. A única via de conexão entre esses dois mundos é feita por um navio, significativamente nomeado *La Amistad*, cujo comando está nas mãos de uma figura enigmática e cruel que atende pelo nome de general Lisboa.⁹ Essa personagem, ao encarnar a autoridade colonial, torna-se a personificação das tensões estruturais que atravessam as dinâmicas de controle e de dominação que permeiam esse mundo distópico. A dinâmica em questão se evidencia de forma emblemática no episódio em que a general Lisboa se apresenta ao novo grupo de filtradas, transportadas para a metrópole no porão do navio:

⁸ “as the dystopian citizen moves from apparent contentment into an experience of alienation and resistance”

⁹ Em 1839, um grupo de 53 africanos, originários da atual Serra Leoa, foi sequestrado e vendido ilegalmente. Durante a viagem, os africanos se revoltaram e tomaram o controle do navio. Capturados pela marinha dos Estados Unidos, os africanos foram levados a julgamento. Os proprietários do navio e os espanhóis exigiram que os africanos fossem devolvidos como propriedade. Contudo, a Suprema Corte dos Estados Unidos concluiu, em 1841, que os africanos haviam sido ilegalmente traficados e que tinham o direito à liberdade.

— Meu nome é Ana Lisboa, mas, para vocês, general Lisboa. Sejam bem-vidas ao Navio *La Amistad*. Como vocês dizem, atravessaram a beira do mundo. Aqui, as coisas são diferentes. Todas as vezes que qualquer pessoa acima de vocês disser “Sua vida”, deverão responder com o lema da metrópole. “Obediência, lealdade e merecimento”. Sua vida. (Volp, 2024, p. 104, grifo do autor)

Sem dúvida, a ironia da general ao se referir às colônias como a “beira do mundo” reforça a localização periférica das colônias em relação à metrópole. Mas não se trata apenas disso. Como observa a própria general, o antigo lema da bandeira brasileira, “Ordem e Progresso”, foi substituído por um novo lema imposto pela metrópole, que sintetiza e reforça o tipo de comportamento esperado tanto dos moradores das colônias quanto dos habitantes da própria metrópole. Uma substituição não representa apenas uma alteração retórica, mas revela uma reconfiguração ideológica mais autoritária, orientada por mecanismos de normatização e de disciplina. Nesse contexto, o novo lema funciona como um instrumento de legitimação do poder, evidenciando as formas pelas quais a autoridade se inscreve nos corpos e na subjetividades dos indivíduos, tentando se impor de maneira difusa, porém eficaz, através do tecido social.

A cena, além de dramatizar a relação de dominação, também revela um aspecto simbólico fundamental da narrativa: o poder dos nomes e suas reverberações históricas. Sem dúvida, o peso simbólico desses nomes remete diretamente ao processo de colonização, entrelaçando as experiências imperialistas de potências como Espanha, Estados Unidos e Portugal. Essa confluência de referências históricas força o leitor a refletir criticamente sobre as complexas dinâmicas de poder, de exploração e de violência que marcaram e, sob novas formas, ainda marcam, os encontros entre as colônias e suas metrópoles. Em outras palavras, ao evocar nomes como *La Amistad* e Lisboa, o romance não apenas convoca a memória de um passado colonial, mas também evidencia a persistência de estruturas de dominação, agora adaptadas e reconfiguradas a novos contextos históricos e sociais. Ao fazê-lo, o romance revela como essas dinâmicas de poder continuam a moldar as relações sociais, perpetuando lógicas de hierarquização, de exclusão e de controle que se encontram no cerne de nossa sociedade.

Essa reflexão sobre o legado colonial e suas reverberações no presente abre caminho para uma discussão mais ampla sobre as dinâmicas de poder. Nesse sentido, a contribuição teórica de Michel Foucault revela-se fundamental, ao evidenciar que o poder não opera exclusivamente por meio da repressão, mas também de forma produtiva, moldando corpos, comportamentos e subjetividades. Para Foucault, o poder não é centralizado em uma única figura ou instituição, mas se dispersa por múltiplas esferas da vida social, sendo internalizado pelos indivíduos, que passam a se autorregular por meio de normas e de diversas formas de vigilância.

Como o romance deixa claro, essa lógica foucaultiana se traduz em situações cotidianas marcadas pelo medo e pela autocensura. Um exemplo emblemático dessa dinâmica encontra-se no episódio em que Freya se refugia na casa de uma família após participar de uma missão com outros membros da Fraternidade. Sem compreender plenamente a situação a princípio, ela observa que todas as janelas da casa permanecem constantemente fechadas, que as crianças são treinadas a não mencionar a gravidez da mãe e que até mesmo os gritos do parto precisam ser abafados para não atrair a atenção da vizinhança. Um dos momentos mais tensos ocorre quando a vizinha da frente bate à porta da casa da família durante o trabalho de parto. O temor faz com que a casa mergulhe “em silêncio e apreensão. Pompadour respira fundo por alguns segundos para afastar a angústia do rosto, busca um ar de normalidade e

abre um pedacinho da porta” (Volp, 2024, p. 339). A vizinha, a princípio, se oferece para ajudar e pede para entrar, mas, diante da recusa, ela solicita “um frasco de azeite” e desaparece logo depois. O temor da família surge da constante instrução, por diversos mecanismos da metrópole, para que qualquer ocorrência estranha seja denunciada à Polícia da Moralidade. Essa cena evidencia a vigilância social constante a que os moradores estão submetidos, revelando como a intimidade familiar é permeada por mecanismos de controle institucional e comunitário. Cada gesto, cada som, cada movimento cotidiano assume um potencial de transgressão, sujeitando os corpos e a vida privada à lógica do poder da metrópole.

A vigilância cotidiana, no entanto, não se limita à intimidade familiar: ela integra uma lógica mais ampla de controle racial e social. Como a dona da casa explica a Freya, “se [o bebê] nasce escuro, fica doente no hospital e então, buuf, morre no mesmo dia, oh que coincidência. É claro que eles inventam um tipo de doença, e ninguém pode falar nada” (Volp, 2024, p. 334). Diante disso, Freya conclui, “estão matando bebês da noite para embranquecer a metrópole. A cidade que se declara santa é assassina de recém-nascidos” (Volp, 2024, p. 334). Além da questão racial, o romance também evidencia como os filhos são treinados para denunciar até mesmo os próprios pais caso estes contrariem as diretrizes das autoridades: “Hoje toda a criança de cinco anos é treinada para dedurar qualquer coisa suspeita. Até os pais ganham pontos por isso” (Volp, 2024, p. 263). Essa articulação entre vigilância, controle institucional e autocensura revela a extensão do poder da metrópole, que regula corpos, afetos e comportamentos desde a esfera doméstica até o espaço coletivo.

Essas cenas do romance ilustram de maneira precisa o funcionamento difuso e internalizado do poder e do medo: não há aparato estatal visível no interior das casas ou câmeras na vizinhança, mas um regime de vigilância que orienta comportamentos, recompensa denúncias e impõe silêncios. Assim, a experiência narrada nessas cenas revela como o poder opera, não apenas por meio de instituições formais, mas também pelas relações interpessoais e pelas normas sociais introjetadas - confirmando a atualidade das reflexões foucaultianas sobre os modos como o poder se infiltra no tecido da vida cotidiana.

Todavia, em *O segredo das larvas*, essa dispersão do poder não se manifesta apenas nas dinâmicas entre as colônias e a metrópole ou na internalização de regras de comportamento por parte dos moradores, mas também na própria organização territorial da metrópole. Ironicamente denominada Éden, a metrópole é subdividida em zonas numeradas, refletindo uma organização espacial rigidamente hierarquizada. O território reservado às camadas sociais mais privilegiadas e brancas, é protegido por um muro alto, que não apenas delimita fisicamente o espaço, mas também serve como marcador simbólico das desigualdades sociais, evidenciando as estruturas de exclusão e controle que permeiam a cidade.

Essa segregação espacial é representada de forma marcante nas descrições das diferentes zonas que compõem a metrópole. A zona 56, por exemplo, é retratada como uma área decadente, onde, segundo as palavras da protagonista, “prédios similares uns aos outros, construídos para abrigar várias pessoas, se erguem lado a lado pela estrada principal e pelas bifurcações,” sendo o local onde residem indivíduos com a pele de tom “pálido, meio amarelado... algo que difere dos brancos que estamos acostumados a ver” (Volp, 2024, p. 142). Os moradores dessa zona são descritos como pessoas de baixa escolaridade, “às vezes com menos QI. Gente que não consegue subir na vida por falta de determinação” (Volp, 2024, p. 168) - uma narrativa que mais uma vez responsabiliza o indivíduo por um problema estrutural profundamente marcado por uma lógica racista.

Em contraste, na zona 67, o tom cinza é substituído por um branco que recobre o ambiente: “nas paredes, nos postes de luz, na pele das pessoas [...] os prédios abandonados ficam para trás e agora a altura dos prédios assusta” (Volp, 2024, p. 143-144). Além disso, a água é mais limpa e os moradores podem trabalhar nas zonas 78 e 89 (Volp, 2024, p. 168). Depara-se também com a presença de anúncios nas ruas da zona 67, nos quais prepondera um ideal estético e racial. Esse é o caso de cartazes que exibem a imagem de mulheres brancas de olhos azuis, que reforçam padrões hegemônicos de beleza e de pertencimento, tornando visíveis as hierarquias que atravessam o espaço urbano como adverte a protagonista: “Um cartaz gigante exhibe o rosto de uma mulher de olhos azuis sorrindo com dentes simétricos. *Dentes limpos, hálito fresco e todas as portas abertas pelo sorriso*” (Volp, 2024, p. 143-144, grifos no original).

Paralelamente a essa constatação, a protagonista se sente fascinada por certos elementos do novo ambiente como a “elegância dos carros nas ruas, pelas luzes brilhantes mesmo no fim da tarde, projetadas em postes com uma curva elegante [...] a quantidade de verde que nos cerca é absurda” (Volp, 2024, p. 144). Esse contraste entre encantamento e estranhamento revela a complexidade de uma experiência, marcada tanto pela sedução da paisagem quanto pela consciência das exclusões que ela escamoteia, revelando como a estética urbana também atua como instrumento de sedução, de invisibilidade e de legitimação do *status quo*.

Na zona 78 ficam localizadas as melhores escolas e hospitais, cujo acesso é restrito a moradores com pontuação entre 7.000 e 8.000 pontos no IPV (Volp, 2024, p. 168-169). No topo dessa hierarquia espacial encontra-se a zona 89, onde se situam as mansões pertencentes às famílias mais abastadas e influentes da metrópole – as mesmas que financiam o Programa Kimani destinado às filtradas e onde muitas delas vão posteriormente trabalhar (Volp, 2024, p. 169). A diferença entre as zonas 78 e 89 se evidencia na descrição da protagonista, que ressalta a suntuosidade e o isolamento da última:

Conforme mudamos de zona, o barulho da noite se vai, o brilho hipnotizante dos prédios enormes nos abandona e somos entregues a um silêncio sepulcral, cercado por muitas casas muradas...Árvores abundantes em folhas, canteiros pelas calçadas, casas enormes com telhados branquíssimos, bandeiras do Éden hasteadas e o silêncio tão confortante quanto assustador. (Volp, 2024, p. 290-291)

O contraste evidencia como a segregação espacial reforça distinções sociais e molda experiências cotidianas, criando barreiras simbólicas e materiais entre os habitantes. A riqueza e o luxo não funcionam apenas como conforto, mas como instrumentos de diferenciação social, determinando quem pode ocupar certos espaços e quem deve permanecer à margem. Esses mecanismos de exclusão são condicionados pela pontuação do IPV e pelo controle exercido pelas famílias mais influentes. Esse arranjo espacial permite perceber como a geografia urbana se torna um mecanismo de reprodução social, em que luxo, poder e isolamento caminham lado a lado para perpetuar estruturas hierárquicas.

Como parte dessa organização territorial excludente, o rastreador IPV exemplifica como o controle da mobilidade se dá de maneira calculada e burocratizada. O rastreador IPV, um sistema de pontuação na forma de um relógio, determina em qual zona os moradores poderão residir ou transitar. Como explica Dona Miriam, uma das responsáveis pelo treinamento das filtradas:

Aos dez anos de idade, as crianças recebem um contador de IPV[...] aqui o IPV paga tudo. Você se locomove se tiver pontos, faz compras, aluga uma bicicleta, visita um templo, tudo e qualquer coisa depende dos pontos, do merecimento [...] Edenses que não conseguem ultrapassar a média de 6.000 pontos no IPV costumam morar na Zona 56. (Volp, 2024, p. 168).

É interessante notar como a fala de Dona Miriam retoma, mais uma vez, a questão do merecimento, destacando-o como um valor central na organização social. Nesse contexto, a pontuação no IPV não apenas regula o acesso a bens e serviços, mas também consolida um sistema de controle em que mobilidade e oportunidades são restritas de acordo com critérios rígidos e não muito transparentes de pontuação.¹⁰ Como observa a protagonista, a função principal do IPV é manter as pessoas “em suas zonas, sem acesso às outras zonas que não lhes pertencem,” tornando a mobilidade um elemento estruturante da organização urbana (Volp, 2024, p. 169).

A dinâmica de segregação espacial não opera isoladamente, mas está intrinsecamente ligada a formas mais amplas de controle social. O acesso das pessoas negras à metrópole, por exemplo, não se dá de maneira autônoma, mas é condicionado por um processo violento de doutrinação e de embranquecimento, evidenciando um regime de dominação que transcende a simples separação geográfica por classe social. Esse processo culmina na subordinação das filtradas, jovens das colônias com um tom de pele mais claro que são trazidas para a metrópole e posteriormente compradas para servir a famílias mais abastadas – práticas que, em muitos momentos, evocam a lógica da escravidão. A violência institucionalizada e a desumanização se manifestam de forma explícita nos procedimentos a que essas mulheres são submetidas ao desembarcarem do navio. Algemadas, elas são conduzidas a uma estrutura moderna onde passam por inspeções degradantes, sem qualquer explicação ou direito de questionamento:

Ele tira minhas algemas e me direciona até uma construção um pouco mais afastada, um cubículo branco com cheiro de álcool e tomado por um frio congelante [...] sou submetida a uma série de outras ordens como respirar fundo, colocar a língua para fora, arregalar os olhos [...] todos os tracinhos dos meus dedos são copiados [...] (Volp, 2024, p. 132 – 133)

Em um ambiente esterilizado e completamente branco, o frio intenso e o forte cheiro de álcool intensificam a sensação de assepsia absoluta, sugerindo a etapa inicial de um processo de limpeza, de purificação. Essa cena nos remete a discursos eugênicos que, historicamente, legitimavam a violência institucionalizada contra grupos considerados inferiores. Não é por acaso que ao longo da narrativa, as filtradas são frequentemente designadas por termos como o “pecado encarnado” (Volp, 2024, p. 150), “sangue infectado”, “filhas do Cã” (Volp, 2024, p. 151), “escória do mundo” (Volp, 2024, p. 152) e “imundas” (Volp, 2024, p. 150). Esse vocabulário não apenas ecoa discursos pseudocientíficos que justificavam práticas de exclusão e de extermínio, mas também dialoga com posicionamentos religiosos que, em

¹⁰ Aos poucos, as jovens trazidas de Absinto percebem que a perda de pontos no IPV ocorre sem qualquer motivo aparente, levando-as a compreender que o rastreador opera de forma arbitrária, tendo como única função mantê-las em uma condição permanente de subserviência.

diferentes momentos históricos, reforçaram noções de pureza e de contaminação como instrumentos de controle social.

O controle exercido pelo regime, todavia, não se restringe à ação dos agentes de saúde ou à violência imposta durante o transporte de navio, mas está arraigada na vida cotidiana dos moradores. Os moradores das colônias, por exemplo, são submetidos a um rígido sistema de vigilância e de punição, que visa preservar a ordem estabelecida. A lógica de controle se evidencia na atuação de forças de segurança como os Vespas, soldados responsáveis pelo monitoramento das cercas elétricas que cercam as colônias, impedindo o livre fluxo dos indivíduos. O isolamento territorial, por sua vez, permite o controle ainda mais rigoroso das informações, de modo que as colônias permanecem alheias aos acontecimentos tanto da metrópole como das demais colônias, como tão bem ilustra o trecho a seguir:

Há poucos dias, todos nós fomos acordados no meio da noite com um estrondo tão distante. Na manhã seguinte, os boatos se amontoaram [...] Alguns dizendo que Babel, a colônia vizinha, se rebelou. Outros, que rebeldes tentaram derrubar a cerca elétrica com um motim organizado que culminou na explosão do gerador de energia. (Volp, 2024, p. 19)

O que chama a atenção nesse trecho, entretanto, não é apenas a ausência de informações sobre o que ocorreu na colônia vizinha, mas a presença de termos como “motim” ou “rebeldes”, que sinalizam a possibilidade de um movimento de insurreição - uma esperança que, embora ainda incerta neste momento na narrativa, prenuncia uma possível ruptura com o regime opressor da metrópole, como se confirmará nos desdobramentos posteriores da obra.

2. O Projeto Kimani e as filtradas: as esferas de poder

Embora as filtradas sejam meninas das colônias escolhidas para participarem do programa de filtragem com a promessa de uma vida no Éden em que podem desfrutar de privilégios e benefícios, a realidade se revela bem diferente. Ao chegarem à metrópole e serem vacinadas, elas são conduzidas a um centro de reeducação, onde devem aprender a se adaptar a uma nova realidade, internalizando rigorosas normas comportamentais para servir às famílias mais abastadas. Como parte desse processo de disciplinamento, as jovens de Absinto são submetidas à ingestão de uma pílula vitamínica que, gradativamente, lhes tira a vontade própria e clareia a cor da pele. O alisamento e o tingimento dos cabelos de branco reforçam a padronização estética, funcionando como pilares de um projeto de embranquecimento. A própria protagonista reconhece esse mecanismo ao afirmar: “Aposto que a cor dos nossos novos fios não representa a brancura da idade, mas a purificação. Nos querem brancas, ou quase” (Volp, 2024, p. 163).¹¹

O programa de transformação, no entanto, não se limita à ingestão de uma pílula e à alteração estética, mas também envolve uma série de rituais de purificação física. Após serem

¹¹ A escolha do termo “filtradas” para se referir às jovens trazidas para Éden, bem como “filtragem” para o processo ao qual são submetidas, reforça a ideia de purificação e depuração. Nesse sentido, a definição do dicionário Michaelis online – “fazer passar ou passar qualquer fluido por dispositivo destinado a retirar ou separar resíduos sólidos ou impurezas” – ilumina simbolicamente o tratamento das jovens no romance, sugerindo não apenas um processo físico, mas também social de seleção e de controle.

humilhadas com o lixo arremessado pelos moradores quando da chegada delas ao Éden, as filtradas são conduzidas ao Programa de Treinamento Kimani, onde “inúmeros chuveirinhos projetam jatos de água morna em nossas cabeças, levando a sujeira ralo abaixo” (Volp, 2024, p. 158). Num segundo momento, elas são conduzidas a um salão em que o cheiro do lixo é “substituído por uma essência de flores do campo [...] cada centímetro [desse salão] é coberto por uma pintura, como se estivéssemos adentrando uma obra de arte” (Volp, 2024, p. 158). Esse ambiente suntuosamente decorado, porém, mascara práticas violentas de controle e de apagamento das marcas corporais como afirma a protagonista: “escovam a minha pele com buchas como se quisessem arrancar a minha cor [...] apagam minhas unhas, depilam meu corpo com cera quente. Lavam, torcem, apertam e queimam meu cabelo” (Volp, 2024, p. 159). Tomada pelo pânico e entorpecida por um comprimido que fora obrigada a ingerir, ela se debate temendo afogar-se nas bacias que parecem ser de ouro, até que uma das senhoras de vermelho a adverte: “Fique tranquila, garota. Vamos clarear a sua alma” (Volp, 2024, p. 160). Assim, a limpeza e o cuidado, tradicionalmente associados ao bem-estar, são ressignificados como instrumentos de violência simbólica e física, orientados para a padronização racial.

Como parte do Programa de Treinamento Kimani, as filtradas são acomodadas em quartos brancos compartilhados por três pessoas e seguem uma rotina rigidamente estruturada, composta por aulas, confissões e treinamentos. Cada aspecto dessa rotina é meticulosamente planejado para moldá-las de acordo com as exigências da metrópole, reforçando a disciplina e a obediência como princípios fundamentais de sua nova realidade: “Hoje, permito que me olhem, mas a partir de amanhã olharão para os espelhos, depois para baixo, porque *kimanis* são pagas para serem invisíveis. Vocês não interagem sem permissão [...]” (Volp, 2024, p. 171, grifo do original). Isso significa que as filtradas se tornam objetos de um sistema que as despersonaliza e as submete a um controle absoluto.

Tal como ocorria no período colonial, o Projeto Kimani se revela altamente lucrativo ao se guiar por uma lógica capitalista que se encontra no cerne de sua estrutura. Como adverte Daniel – o primeiro jovem incorporado ao projeto Kimani: “Eles lucram com a gente. Vão nos vender por bons pontos, ou você acredita nessa bondade e na graça que eles tanto falam? Por favor” (Volp, 2024, p. 178). Vistas como seres inferiores e reduzidas à categoria de corpos descartáveis, as filtradas são comercializadas e brutalizadas, sem provocar qualquer comoção social ou represália institucional, uma vez que tais práticas são amplamente naturalizadas pelo sistema. Isso significa dizer que a articulação entre capitalismo e a exploração dos corpos racializados adquire, assim, contornos ainda mais complexos, suscitando reflexões profundas sobre a forma como esses corpos continuam a ser objetificados e tratados como mercadorias em uma sociedade pautada exclusivamente pela lógica patriarcalista do lucro.

Por esse motivo, as filtradas são forçadas a romper os vínculos com sua comunidade de origem (elas nunca mais retornam à colônia de onde foram trazidas) e a submeter-se à esterilização antes da comunhão, medida que visa impedir a proliferação de grupos considerados indesejáveis (Volp, 2024, p. 205). Esse controle biopolítico reflete o que Giorgio Agamben conceitua como “poder soberano”, estruturado a partir de um estado de exceção prolongado. Nesse contexto, os direitos de cidadania são sistematicamente suprimidos ou mesmo negados, permitindo ao regime determinar não apenas quem pode viver com dignidade, mas também quem é relegado à mera sobrevivência e quem é considerado descartável (1998, p. 11-13). O mesmo ponto é retomado por Achille Mbembe ao conceituar a necropolítica, que evidencia a maneira como o Estado sanciona uma política de terror, especialmente

em sociedades pós-coloniais. Nessas sociedades, a herança da escravidão e de outras práticas depredadoras do passado resultam na constituição de novos estados de exceção, nos quais determinados grupos são sistematicamente marginalizados e submetidos a formas extremas de violência e de controle (2003, p. 34-35). Ainda segundo Mbembe, a condição de escravidão é marcada por três perdas profundas: “a perda de um ‘lar’, a perda dos direitos sobre o próprio corpo e a perda do status político” (2003, p. 21). Mbembe destaca como o poder necropolítico frequentemente opera por meio da criação do que ele denomina como “mundos de morte”, ou seja, espaços onde populações são sistematicamente submetidas a condições de vida que tornam suas existências descartáveis como é o caso das kimanis que:

São escravizadas. Limpam, cozinham, lavam, passam, servem, dormem trancafiadas em verdadeiros calabouços [...] sendo abusadas pelos homens da casa [...] Quando a mãe branca enjoa de uma kimani ou mesmo quando o patriarca se cansa, elas definham e são jogadas na sarjeta. (Volp, 2024, p. 268)

O mesmo pode ser dito das crianças da cor da noite que, como discutido anteriormente, morrem em decorrência de uma suposta doença ao serem levadas para o hospital após o parto. Essas tensões enfatizam a complexidade das identidades sociais e como múltiplas dimensões (como gênero, raça, e classe social, por exemplo) se interconectam e influenciam as experiências de opressão e de resistência dos vários indivíduos.¹²

3. A Fraternidade e o seu projeto de resistência

Um espaço alternativo emerge quando Freya e seus companheiros conseguem escapar da Casa Kimani com a ajuda da resistência liderada por Núbia Asmos - uma mulher de postura imponente, cuja presença impõe respeito. Núbia é descrita por Freya como uma mulher com um cabelo que:

mede um centímetro. É crespo e dourado, da mesma cor que a listra que risca o rosto dela [...] A pintura contrasta com o brilho da pele escura e uniforme. Colares feitos de ossos e pedras caem por cima do busto coberto por um xale de seda estampado de mandalas. Nos olhos, a mulher condimenta um brilho esverdeado hipnotizante [...] e ameaçador. (Volp, 2024, p. 235)

Sob o comando de Núbia, os rebeldes se refugiam em um quartel desativado localizado nos subterrâneos da zona 45 - uma área inativa há muitos anos.¹³ A Fraternidade é composta de “desertados que foram resgatados, edenses sentenciados à morte, besouros, lojistas, refugiados e *kimanis* espíãs” (Volp, 2024, p. 247; grifo do autor). O espaço subterrâneo, sem janelas e estruturado em diversas salas interligadas por um complexo sistema de túneis que conecta diferentes partes da metrópole, constitui um refúgio estratégico para os insurgentes. Apesar das dificuldades inerentes à vida subterrânea, Núbia ressalta que esse é um espaço

¹² O conceito de interseccionalidade se baseia na discussão de Rosi Braidotti (2017).

¹³ O propósito de transformar Éden numa zona habitada somente por pessoas brancas fez com que as pessoas negras e mestiças tivessem que se locomover para as zonas 45 e 54 – o que explica a decadência dos prédios ou a presença de zonas desabitadas (Volp, 2024, p. 262).

onde as pessoas podem exercer uma certa liberdade – fazendo perguntas, socializando e, sobretudo, articulando estratégias para enfrentar o poder central. No entanto, essa liberdade é contingente e permeada por tensões, como fica evidente quando Freya e seus amigos são trazidos para o abrigo, se “esgueirando pela escuridão dos túneis [...] largos, escuros e repletos de canos” (Volp, 2024, p. 226). Ao alcançarem a rua com lojas fechadas, Freya e seus amigos são levados inconscientes para o abrigo, revelando que o medo de que os espaços de refúgio possam ser delatados ao poder central.

Mais tarde, sentindo que a luta se aproxima, Núbia pede a Freya que grave um vídeo convocando a população para lutar contra o poder central. No entanto, enquanto o vídeo está sendo filmado, os membros da fraternidade organizam um ataque simulado ao estúdio como uma forma de dar mais realismo à narrativa de Freya:

— Foi incrível, Freya. Foi incrível – diz Suzana, aproximando-se.
Estou abismada. Minhas mãos tremelicam
— Peço desculpas por isso, mas era a melhor forma de pegar uma reação realística
— ela diz. Demos pouco tempo a você. Se não fosse assim, não ficaria tão perfeito.
(Volp, 2024, p. 392)

A decepção diante das ações da Fraternidade leva Freya a afirmar categoricamente que ela “não é uma propriedade da Fraternidade” (Volp, 2024, p. 403). Essa ruptura explícita não apenas o desgaste da confiança entre a protagonista e o grupo de resistência, mas também o embate entre a autonomia individual e as estruturas coletivas de poder, revelando como até mesmo movimentos de resistência podem reproduzir práticas de manipulação e de controle semelhantes às que combatem.

A descoberta dos túneis pelas forças do poder central culmina em uma invasão militar, forçando os rebeldes a uma fuga apressada. Mais uma vez, Freya é retirada às pressas do local, uma vez que a história de sua mãe e sua própria trajetória se transformaram em um mito mobilizador, utilizado para inspirar e encorajar a adesão do resto da população à luta pela liberdade (Volp, 2024, p. 253). O romance termina com a fuga de Freya, a perda de uma amiga e o ferimento do único e primeiro rapaz trazido das colônias para a metrópole – cuja presença, segundo indícios claros, estaria ligada à satisfação sexual de figuras poderosas da metrópole.

4. As vozes femininas em disputa em uma sociedade distópica

Como esta breve discussão permite antever, *O segredo das larvas* apresenta personagens femininas oriundas de contextos distintos, mas igualmente capazes de ocupar papéis de liderança, subvertendo a representação tradicional das mulheres como figuras submissas, maternas, ou sexualmente desejáveis. Essa perspectiva nos ajuda a entender a forma como Freya define as larvas:

Porque este é o verdadeiro segredo das larvas: você nunca sabe no que elas poderão se tornar. Vermes de lixo. Moscas asquerosas, Libélulas coloridas, Borboletas livres, Ícones revolucionários. Garotas tratadas como loucas, feito a mãe.
Nunca se sabe. (Volp, 2024, p. 403)

Freya, por exemplo, é uma jovem negra, independente e determinada, que atua com firmeza na defesa de suas convicções, recusando-se a ser manipulada tanto pelas instituições hegemônicas quanto pelo próprio grupo de resistência. A general Lisboa encarna o poder colonial ao se posicionar como autoridade máxima responsável pela manutenção da ordem, primeiro no navio e posteriormente na Casa Kimani. Sua atuação reforça as hierarquias sociais e raciais que estruturam o universo distópico do romance, funcionando como uma representante das estruturas de dominação que a narrativa busca problematizar. Núbia Asmos, por sua vez, surge como uma liderança política dentro da Fraternidade, sendo responsável pela organização e pelas estratégias de luta, ampliando ainda mais a gama de formas de agência feminina presentes na obra. Outras personagens femininas também podem ser integradas a esse grupo, destacando-se por sua determinação e resiliência como é o caso de Ligia, amiga de Freya, que, atingida pelas forças da metrópole, falece no final do romance. Em síntese, os papéis atribuídos às mulheres na narrativa evoluem de símbolos passivos para agentes complexas que assumem posições de liderança, evidenciando um processo de empoderamento e de transformação social.

Isso significa dizer que o papel feminino em distopias como *O segredo das larvas* evolui de figuras passivas e silenciadas para protagonistas complexas, multifacetadas e resistentes. Contudo o que chama a atenção no romance é que, ao reivindicarem suas próprias vozes, personagens como Freya reafirmam sua individualidade sem que esta se dilua em uma identidade coletiva homogênea. Uma configuração que evidencia a centralidade da solidariedade na lógica de sobrevivência e na construção de futuros alternativos, sem que isso suprima a complexidade subjetiva dos indivíduos.

Essa configuração de lideranças femininas em um espaço físico e simbolicamente hierarquizado retoma a centralidade da perspectiva feminina nas distopias críticas. São as reflexões e as ações dessas personagens, em constante diálogo com os espaços que percorrem e ocupam, que possibilitam ao leitor questionar as formas de organização e de manutenção das estruturas de poder. O espaço, portanto, longe de funcionar como um mero cenário, opera como um elemento constitutivo das relações de opressão e de resistência, tornando-se um elemento central nas disputas por noções de pertencimento e por políticas de inclusão. Além disso, a presença de um desfecho aberto – compreendido como uma estrutura textual que “mantém um núcleo utópico em seu centro, um lugar de esperança que contribui para a desconstrução da tradição e a reconstrução de alternativas” (Atwood, 2005b, p. 13) - reforça a dimensão crítica da narrativa e seu convite à reflexão sobre possibilidades de transformação social.

Não por acaso que estudiosos como Moylan e Ildney Cavalcanti alertam para a potência política das distopias críticas ao afirmarem que:

ao não apenas destacar a produção de significantes textuais que apontam para uma utopia ‘um significado que é adiado’, mas também enfatizar o processo imaginativo e epistemológico que ajuda a produzir o movimento político em direção a esse horizonte utópico, o trabalho autorreflexivo da distopia crítica pode fazer sua parte para moldar e fornecer ‘inspiração para uma ‘esfera pública feminista alternativa’ que pode se tornar um terreno para a mobilização política aberta’. (Cavalcanti *apud* Moylan, 2000, p. 192, tradução nossa)¹⁴

¹⁴ By not only foregrounding the production of textual signifiers that point toward a utopia “signified that is deferred” but also emphasizing the imaginative and epistemological process that helps to produce the political

Essa perspectiva reforça o entendimento de que a distopia crítica não apenas projeta uma crítica incisiva às contradições e injustiças do presente, mas também incorpora a presença de uma esperança – por mais tênue que seja – que pode ser percebida como um elemento desestabilizador e mobilizador. Tal esperança convoca o leitor à urgência da resistência e à necessidade de uma leitura crítica dos dispositivos de poder que sustentam as estruturas de dominação. Desse modo, o romance articula uma crítica sofisticada ao status quo, ao mesmo tempo em que vislumbra possibilidades, mesmo que tênues, de emancipação e de transformação social num futuro.

Referências

- ABSINTO. In: *Michaelis On-line*, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/B3eV/filtrar/>. Acessado em: 10 out. 2024.
- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer. Sovereign Power and Bare Life*. Stanford: U. P. Stanford. 1998.
- ATWOOD, Margaret. "Writing Utopia." In: ATWOOD, Margaret. *Writing with Intent: Essays, Reviews, Personal Prose. 1983-2005*. Carroll & Graf Publishers. 2005a. p. 92-100.
- ATWOOD, Margaret. *Moving Targets: Writing with Intent 1982-2004*. Toronto: Anansi. 2005b.
- BRAIDOTTI, Rosi. "Four Theses on Posthuman Feminism." In: GRUSIN, Richard (org.). *Anthropocentric Feminism*. Minneapolis: U. of Minnesota. 2017. p. 21-48.
- BACCOLINI, Raffaella. "Gender and Genre in the Feminist Critical Dystopias of Katharine Burdekin, Margaret Atwood, and Octavia Butler." In: BARR, Marleen (org.). *Future Females, the Next Generation: New Voices and Velocities in Feminist Science Fiction Criticism*. Lanham, MD: Rowman. 2000. p. 13-34.
- BACCOLINI, Raffaella; MOYLAN, Tom. "Introduction." In: BACCOLINI, Raffaella; MOYLAN, Tom (org.). *Dark Horizons: Science Fiction and the Dystopian Imagination*. London: Routledge. 2003. p. 1-12.
- MOYLAN, Tom. "The Critical Dystopia." In: MOYLAN, Tom. *Scraps of the Untainted Sky: Science Fiction, Utopia, Dystopia*. Boulder: Westview Press. 2000. p. 183-199.
- FILTRAR. In: *Michaelis On-line*, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/B3eV/filtrar/>. Acessado em: 1 set. 2025.
- MBEMBE, Achille. "Necropolitics". Trans. Libby Meintjes. *Public Culture*, v. 15, n. 1, p. 11-40. 2003. DOI : <https://doi.org/10.1215/08992363-15-1-11>.
- OSTALSKA, Katarzyna and Tomasz Fisiak. "Utopia and Dystopia in the 21st Century: Feminism, Intersectionality, and the Rejection of Binarism." In: OSTALSKA, Katarzyna; FISIAK, Tomasz (org.). *The Postworld In-Between Utopia and Dystopia: Intersectional, Feminist, and Non-Binary Approaches in 21st-Century Speculative Literature and Culture*. London: Routledge. p. 1-13. 2021.
- VOLP, Stefano. *O segredo das larvas*. Rio de Janeiro: Editora Galera. 2024.

movement toward that utopian horizon, the self-reflexive work of the critical dystopia can do its part to shape and provide "inspiration for a feminist 'counter-public sphere'" that can become a ground for overt political mobilization (Cavalcanti 203, 197).